

## TEMPO, ETERNIDADE E DINÂMICA DO FUTURO, EM LAVELLE

Maria Vassiliadou

Universidade de Atenas — Grécia

“Nada mais se pode pedir a um filósofo quando se lhe solicita a feitura da história do seu espírito, que evoque estas instituições fundamentais às quais pode fornecer uma data, mas que só têm interesse na medida em que em seguida receberam nele um caráter intemporal, em que se tornaram o clima de sua existência e formaram esta atmosfera de eternidade onde são alimentados os pensamentos sucessivos”.

(Louis Lavelle, *Testemunho, Estudos Filosóficos*, Setembro — 1951).

Neste texto, Louis Lavelle, identificado com sua mensagem filosófica, apresenta uma vez mais esta dialética incessante do tempo e da eternidade que domina todo o seu pensamento. Pois “estas instituições fundamentais” das quais fala, são somente a descoberta de si, a identificação do mundo das coisas e do mundo dos pensamentos e sobretudo o próprio tempo. Com efeito a teoria da participação, fio condutor de todo o pensamento do filósofo, mais do que uma teoria do eu e de Deus, é também uma concepção do tempo da eternidade. Sua obra **Do tempo e da eternidade**, estabelece a necessidade do tempo que nos permite constituir nossa essência intemporal e, que nos conduz a considerar o tempo como a chave da participação. Pois é ele que permite explicar por que a participação é uma operação que tem sua fonte no ato puro, mas, que deve ser permeada de passividade a fim de fazer aparecer na consciência, estados que a limitam e que formam precisamente seu conteúdo. Estes estados que se desenrolam no tempo, não se evadem nunca do presente, pois este é o ponto de cruzamento de um passado que nos foge, e, que é preciso ressuscitar e de um futuro que nos tenta e que é preciso realizar. O presente não pode deixar de continuamente se fazer, para que o indivíduo possa a cada instante encontrar, por um ato novo, uma vida que subsista eternamente. Todavia o passado limita-nos e, constringe-nos, pois está realizado, é a única coisa que é e não se torna mais. Assim pode ser contemplado. O futuro nos limita mais ainda, pois é nos escondido e exprime o que nos falta. Permite-nos, contudo, participar do ato criador, fazendo de nós os

instrumentos da potência divina. O passado é único e fixo: o futuro é duplo e incerto. O presente é sem realidade, pois é a passagem de um passado que não é mais, para um futuro que ainda não é. O passado se conserva no presente. Tem um caráter profundo, venerável e sagrado, enraíza nossa vida na eternidade. O futuro parece trazer uma revelação que dará ao nosso destino e ao do mundo, o seu sentido e seu desfecho. Existe também um futuro do universo com o qual nosso próprio futuro deve estar em acordo. Se o passado é a atmosfera que clareia toda a nossa vida, se o futuro lhe traz todas as promessas de esperança é na graça do presente que se nos deve fazer sentir sua luz e seu impulso. Mas a ligação ao presente só pode ser mantida por um ato constante de inteligência e vontade.

Para Lavelle o tempo é “o artesão da vida” aquele que pode criar, conservar e destruir tudo o que é: “ele chama ao ser todos os indivíduos pelo nascimento, os mantém no ser pela duração, realiza, o seu ser voltando a chamá-los no seio imenso do passado pela morte, lugar de todas as gêneses e de todas as aniquilações, o tempo poder-se-ia considerar Deus. Em realidade ele é o meio que Deus fornece a todos os seres, para se criarem a si próprios e realizarem seu destino. Um meio para exercer sua liberdade e participar da obra da criação. Ele é a condição, sem a qual nenhum indivíduo poderia constituir sua própria natureza e, sem a qual nossa personalidade não se poderia constituir como uma oposição e uma transição sem cessar renovadas, no interior de uma presença eterna. Sem o tempo o homem não seria mais um ser particular, ele se identificaria com Deus que é eterno. Em relação ao ser infinito é uma imperfeição viver no tempo: pois que o tempo não cessa de me retirar o que me deu. Mas é a perfeição da minha natureza finita, sem o tempo ela não poderia se desenvolver e conseqüentemente não poderia ser. Ora o homem não vive nem no tempo totalmente descontínuo nem na eternidade pura, mas, num presente que se esforça por condensar em si toda a duração; é este modo de existência dum ser temporal, por que se torna eterno, por que ele é o que descobre a cada instante a eternidade no tempo. É justamente neste ponto, que devemos conceber a relação do tempo e da eternidade na filosofia de Lavelle. Pois os dois são contemporâneos; o tempo é uma operação de eternidade, a eternidade está presente no tempo. Poder-se-ia melhor esclarecer esta relação, introduzindo a noção de instante, como ponto de cruzamento do tempo e da eternidade. O instante pode ser considerado, seja como um lugar de passagem entre 2 estados particulares, seja como posto de junção com o ser. Neste último caso é necessário sair do instante para entrar no presente. Instante, ato e presença são um só no eterno presente. “Nossa atividade interior permanece sempre presente e disponível, capaz de ser suspensa e retomada, por que precisamente em lugar de ser a seqüência do que nós éramos, ela rompe ao contrário com o que nós somos e exprime a possessão daquilo que nós vamos ser”. Assim, o ato nos arranca ao tempo para nos fazer encontrar o princípio intemporal de toda a

criação para nos permitir inserir nossa liberdade e a causalidade de nosso querer, no curso natural das coisas, ao mesmo tempo, constituir nosso próprio ser e, no seio do ser, onde nós explicamos, que nossa experiência ontológica, o inscreve. O eterno presente é, então, a forma imutável que todos os modos finitos se devem revestir, para se reconhecer as formas de ser, visto que o ato que faz ser as coisas, só pode realizar-se no presente, lugar do ser. E a passagem de um momento do tempo a outro, não nos arranca ao presente no qual podemos, graças à memória ou a antecipação, atualizar lembranças ou imagens do futuro. Esta operação temporal é o próprio ato da nossa liberdade e a condição de participação, pois, sustenta distância entre o todo do ser o meu eu. O futuro são as nossas possibilidades ainda abertas, logo nossa liberdade, o passado, as possibilidades fechadas ao nosso poder ser, logo a necessidade. “Áxis do movimento intencional”, “recoo do impulso”, “chamado do possível”, “exigência do dever ser”, o tempo permite à liberdade, passar da potência a ato.

Desde que surge, o tempo abre um duplo caminho perante nós: podemos permanecer no interior do todo como uma parte no meio das partes; estas são apenas aparências variáveis; aprisionam-nos com elas nos laços da mais dura necessidade; o passado esmaga-nos com o seu peso. O futuro nos fascina com suas miragens. Mas o tempo é também o meio de nossa libertação. A insuficiência de cada parte, entendida em si mesma não exige somente uma perpétua mudança; manifesta também um parentesco e uma comunidade de natureza entre as partes e, conseqüentemente, entre cada parte e nos próprios, no interior do mesmo todo. Juntemos a unidade através da dispersão, não somente apesar dela mas também e em certo sentido através dela.

Pode-se, por intermédio do tempo tornar intelegíveis as diferentes formas do ser, graças a uma dedução de funções psicológicas: sensibilidade e entendimento, memória e imaginação, desejo e vontade; é através delas que o eu se confronta progressivamente com o todo, a fim de resgatar sua própria originalidade e nele inscrever seu desenvolvimento autônomo. É então por que o ser é a presença absoluta, que o eu, que participa da existência, mas que dela se distingue, será sempre presente perante ele mesmo e será presente alternativamente aos diferentes estados, pelos quais sua vida se realiza, na duração.

Assim o sentido do tempo se encontra envolvido no desejo ou no querer pelo qual antecipamos o futuro e procuramos, realizando-o, incorporá-lo à nossa própria vida. “No que diz respeito à orientação do tempo, o conhecimento vai sem cessar do passado para o futuro, isto é, do conhecido para o desconhecido”. Mas quando examinamos a ordem da existência é o futuro que precede o passado e que se muda nele pouco a pouco. “Realizar o futuro é fazê-lo presente, que se torna logo passado”. Assim “ao tempo do determinismo, que entendo como um impulso de traz

para a frente, se opõe o tempo da criação que é uma chamada de frente para traz". O tempo ilustra "a relação da atividade e da passividade", e suas três fases são penetráveis de espiritualidade, pois que o futuro encobre os possíveis que são indivisíveis no ser, que a liberdade deve antecipadamente dissociar para os encarnar e torná-los instrumentos do meu destino... a relação do passado com o futuro exprime" a composição da liberdade e da necessidade". O passado enquanto realizado, imóvel, necessário e irrevogável não tem nada de material e pode "ser definido como um presente espiritual". Contudo, é em direção ao futuro que se olha, por que seu impulso é um incentivo que convida á conquista o futuro ligado à eternidade é o lugar do esforço. "É a nossa própria vida considerada como insegurança e como um risco". Pois o futuro separa-nos de nós próprios, desliga-nos do que éramos, do que tínhamos Mas é também o perfeito despojamento que nos torna aptos a receber todos os dons. No futuro a vida é nos revelada pela primeira vez. É um nascimento de todos os instantes. O futuro é para nós uma aventura, mas, que vai determinar nosso destino através da colaboração da nossa liberdade e dos acontecimentos. E o "conceito de angústia" considerado freqüentemente como trazendo-nos a revelação da existência, pode muito bem ligar-se ao futuro, pois a angústia é a experiência da vida enquanto se reduz à experiência do futuro e que a si própria se eleva até ao absoluto. No futuro é o nosso próprio eu que está em questão e que não paramos de recriar.

Em Lavelle o tempo é a conversão da possibilidade em atualidade. O tempo surge como privilegiado pela introdução do possível que se atualiza, que desenha o movimento da liberdade criadora e prefigura a encarnação dos valores. A temporalidade é apenas um modo de nossa consciência finita o enquadramento que ela se dá para nele estender-se sob forma de estados, o reflexo dos seus atos de participação, e ai dirigir seu esforço, jamais acabado, em direção ao absoluto. Podia-se então falar de uma experiência de eternização através do tempo ou pelo menos de nosso esejio de eternização do que posse? Seja um ou seja o outro, para Lavelle, o tempo é o próprio drama da existência humana, considerado na sua forma mais abstrata.

**Tradução de Maria da Piedade Eça de Almeida**